



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA



Por JOSE TEIXEIRA JUNIOR

Desenhos de A. CASTANÉ

(Dedicado a duas crianças lindas, estouvados bebês que as flôres da Madeira conhecem como suas irmãs mais perfumadas).

Num castelo já muito antigo, situado numa vila não menos antiga, morava uma família aristocrática, descendente de duques e reis. Nessa família havia três lindos bebês, rosados e loiros, que passavam os risonhos dias da sua linda infância brincando descuidados na cerca do castelo.

O bebê mais velho (devia ter uns 6 anos) era valoroso como um dos heróicos cavaleiros seus ascendentes e generoso como eles. Tão leal era nas suas brincadeiras e tamanha decisão punha em todas as suas atitudes que não havia ninguém que não fosse seu amigo e não o admirasse.

Os seus irmãos mais novos adoravam-no e aceitavam, sem discutir, todas as suas indicações.

Na quinta havia um velho criado que sempre trabalhara dentro dela e pertencia a uma família de vassallos que, desde a fundação do castelo, ainda não conhecera outros amos. Este velho costumava passar os frios dias de inverno encostado a uma das muralhas, recebendo do sol o calor e as carícias que

nunca ninguém se havia lembrado de lhes fazer. E amava enternecidamente os três bebês!

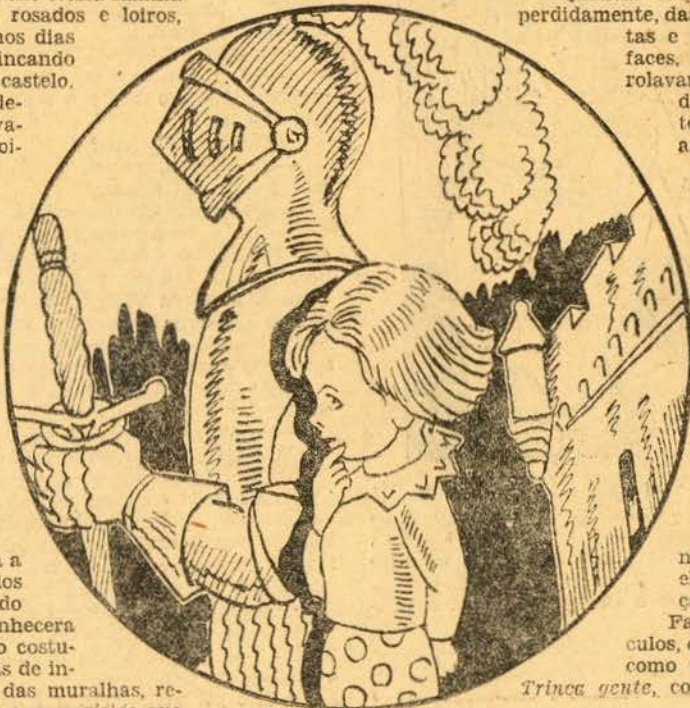
Quantas e quantas vezes, ele se ria, perdidamente, das suas travessuras, e quantas e quantas vezes pelas suas faces, enroscadas e macilentas, rolavam lágrimas envergonhadas, de alegria ou de tristeza, conforme os bebês lhe afirmavam que gostavam muito ou pouco dele!

Mas era do bebê mais velhinho que ele mais gostava; pode-se mesmo dizer que o idolatrava porque esse bebê nunca lhe tinha ferido a sua sensibilidade de velho criado leal e amigo, antes o considerara sempre com o respeito e as diferenças que as pessoas crescidas e bem educadas sabem ter.

Ora, um dia, apareceu nas vizinhanças do Castelo uma companhia de saltimbancos, cujo elenco, por ser muito engracado, vale a pena descrever. Fazia parte dela um Hércules, o assombro da companhia, como uns lhe chamavam ou o

Trinca gente, conforme outros o designa-

(Continua na pag. 4)



História contada á beira-mar

POR WANDA

CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR

FAZ favor diz-me a que horas parte o vapor?
—A's 6 horas, petiza, já tens bilhete? — respondeu-lhe ele em ar de troça
—Não senhor, mas vou comprar... e de 1.ª classe!

E Maria da Luz parecia que tinha asas nos pés, até chegar á baixa. Entrou numa loja para comprar uma tesoura, noutra comprou um boné e, sempre com a trouxa debaixo do braço e uma esperança doida a bailar-lhe no peito, encaminhou-se, novamente, para o cais do embarque.

Era já noite fechada.

Estendida atrás dum montão de caixotes e tão rapidamente quanto lhe permitia o nervosismo em que toda vibrava, vestiu o fato de Zé Petinga. Depois de hesitar um instante, cortou as suas lindas tranças e quando as teve nas mãos, beijou-as enternecida, e, num movimento resolutivo, atirou-as ao mar, dizendo:

—Toma! aí tens o meu melhor presente.

Em seguida, encaminhou-se para um grupo de carregadores e dirigiu-se a um homem já idoso que dirigia as manobras. Com o boné na mão e os cabelos revólto, como protestando contra a mutilação que acabavam de sofrer, Maria da Luz numa voz que procurava tornar firme, disse:

—Eu desejava falar ao sr. comandante.

O velho, olhando-a de lado, respondeu mal encarado:



—Pois éle está mesmo aqui á sua espera, arreda vadio!

—Pois se não está aqui á minha espera, vai o vadio esperar por éle, e, com uma careta e um gesto travesso, ia afastar-se quando o homem, achando graça ao atrevimento, lhe perguntou:

—Olha lá; pode saber-se o que queres ao sr. comandante?

Pode, sim senhor: é que não quero ser vadio e quero pedir-lhe o lugar do Chico, que não pode embarcar. Disse isto com tanta naturalidade, ousadia e confiança que o

homem, que era o 2.º comandante, ficou impressionado, e perguntou-lhe, rindo:

—E estás certo de que éle te dá o lugar?

—Olarile! certíssimo! Ainda há pouco éle disse que



o Chico lhe fazia falta e se minha madrinha, Nossa Senhora do Amparo, me não abandonar, ainda há-de dizer o mesmo de mim.

—E o que sabes tu fazer, rapazola?

—Sei fazer tudo o que fôr preciso e o que não souber aprendo, que já o meu avô dizia que para aprender tudo tenho cabeça.

—Como te chamas?

—Zé Petinga, um seu criado—respondeu, sem hesitar, sem pensar um segundo.

—Que nome tão pândego, é como tu, rapaz!

—Então! Nem todos podem ter nomes *chics* daqueles que cheiram a fidalguia; eu sou Zé Petinga porque o meu pai era António Petinga e o meu avô Joaquim Petinga. E' nome da Nazaré, senhor! Aquela viveza e desembaraço agradaram ao velho marinheiro que, impressionado, tomado duma grande e inexplicável simpatia, resolveu proteger o rapaz.

—Aparece um pouco antes das 6 horas, que talvez consigas o teu desejo.

—Se o senhor quizesse, eu ficava aqui a ajudar.

Pois sim, se tens assim tanta vontade de trabalhar...

E, sempre saltitante, por ali andava Maria da Luz, indo dum lado para outro, transmitindo recados do 2.º comandante, ajudando aqui e ali, estonteada pela aventura de ver o seu sonho quasi realizado: Ia caminhar muitos dias sobre o seu querido mar!

Depois de tudo pronto o 2.º comandante propunha-lhe:

—Agora para onde vais? Eu vou-me até casa.

—Onde vou?—Ela sabia lá onde ir áquela hora da noite? Nem em tal tinha pensado mas respondeu rindo e fingindo-se despresada:

—Fico por aqui... até á hora.

—Anda daí comigo, vadio!

—Isso não! Agora já não consinto que me chame assim.

—Está bem, anda daí, mariola! E, pegando-lhe por um braço, levou-o para sua casa que era ali perto.

Entrando em casa do velho marinheiro, Maria da Luz sentiu que o cheiro, vindo da cozinha, lhe fazia andar a cabeça á roda e dava uma sensação de angústia, que não sabia explicar. E' que a sopa cheirava deliciosamente e... só então se lembrou de que não tinha comido em todo o dia. Ria-se contente o bom velhote, vendo-a devorar o primeiro prato de sopa e, encarando bem naquele corpo tão franzino e gentil, naqueles olhos dum azul tão expressivo e no brilho dos cabelos muito mal cortados, mil pensamentos se baralhavam no seu cérebro, sem nenhum ser verdadeiro. Depois de o ver saciado, perguntou-lhe:

—Olha lá, donde surgiste tu? Não tens família?

—Só tinha o meu avôsinho, que morreu há pouco, agora... não tenho ninguém no mundo!

E pôs nestas palavras uma amargura tão recalçada, seus lindos olhos cobriram-se duma sombra de tristeza tão pungente, que o velho nada mais perguntou e, comovido, deu-lhe uma palmada nas costas e mandou-o deitar no sofá da casa de entrada, onde já tinha mandado pôr uma almofada e coberta.

* * *

Foi assim que Maria da Luz começou a fazer parte da tripulação do «Niassa», transformada em Zé Petinga, e este nome lhe darei agora.

Em breve travou conhecimento com todos e a todos inspirava simpatia; sempre alegre, azougado, serviçal. Se era engraxador, o calçado saía-lhe luzindo das mãos, como um espelho; andava pela cozinha, ás voltas, num virote, em recados e sempre gargalhando; se era preciso dar uma ajuda nos quartos, ele lá andava, compondo tudo com a sua graça muito feminina, e aproveitava, então, para se mirar ao espelho, e, se apanhava um vaporizador á mão, não resistia em dar um aperto na borracha e receber os bafejos do perfume. Uma vez foi surpreendido nesta garotice por uma criada que lhe disse, zombeteira:

—Credo! O rapaz é doido... tem gestos de mulher!

Ao que ele, fugindo, respondeu da porta:

—Olha que para gostar do que é bom, tanto faz ser homem como mulher.

Algumas senhoras perguntaram, um dia, ao comandante quem era aquele criado de tão lindas maneiras que mais parecia um fidalgo disfarçado ou uma rapariga.

—Não sei, minhas senhoras, apareceu no cais pedindo um lugar no navio. As suas maneiras enfeitaram o 2.º comandante que me pediu, com uma insistência extraordinária, para o admitir a bordo, responsabilizando-se por ele. Realmente, já tinha notado que dá aqui uma nota de alegria; é trabalhador e todos gostam dele. Tem um corpo franzino mas uma força surpreendente. Ainda ante-ontem de manhã, furioso por lhe terem chamado «menina Petinguinha», içou-se por um mastro, á força de pulso, para mostrar que não era menina. Assisti impressionado a esta cena, porque o perigo que o rapaz corria era enorme, e quando ele descia repreendi-o severamente e aos que o tinham deixado subir. Durante todo o dia o pobre rapaz andou inconsolável por me ter desagradoado e, á noite, quando recolhia ao meu camarote, estava ele á porta, muito comprometido.

—O que queres?—preguntei, fingindo-me irritado.

—Queria que o meu comandante não estivesse zangado comigo e me perdoasse.

—Está bem, não tornes a fazer outra. E, então, sem eu esperar, agarrou-me á mão, apertou-a e foi-se embora a cantarolar muito baixinho;

«Acima, acima gajeiro...»

—E' um rapazinho extraordinário: energia de homem e coração sensível de mulher, terminou o comandante.

Desde esse dia, ganhou o coração das senhoras passageiras.



* * *

Seguia viagem um rapaz de 18 anos que, pelo seu estado de saúde, muito fraco, muito enfezado antes parecia ter 15 ou ainda menos.

Chamava-se Jorge de Menezes, era filho de pais portugueses e, portanto, português, embora nascido no Brazil. Sempre muito débil, muito anémico, tinha vindo com a mãe a Portugal consular médicos portugueses e procurar, na mudança de clima, algumas forças mas, quando começava a sentir melhoras, a morte repentina de seu pai no Rio de Janeiro obrigou-o a voltar por causa da sua grande fortuna. Passava as tardes na coberta do navio, deitado numa cadeira especial. Doente e acabrunhado pela morte do pai, não tinha disposição para criar relações passageiras. Zé Petinga sentia uma infinita piedade por aquele senhorito tão pálido e triste e, animado pelo sorriso e olhar de simpatia com que o doente o olhava, todos os dias lhe ia perguntar se estava melhor e, sempre que podia, ficava ao pé dele, uns instantes, a conversar.

(Continua no próximo numero)

CONTO DE NATAL

(Continuado da pag. 1)

vam, em virtude das suas assombrosas provas de força que todos temiam; um anão, tão pequenino e maleável que qualquer metia dentro duma algibeira e que o assombro da companhia costumava arrumar atraz da orelha; um palhaço, que fazia rir às gargalhadas toda a gente; um macaco, que sabia vestir como um «snob» uma casaca e pôr um chapéu alto; e um cão que andava a cavalo e dava saltos mortais.

Tinha ainda a companhia uma outra figura, a *Toutinegra*, linda cigana morena, de olhos castanhos escuros e cabelo preto que, apesar de ter apenas treze anos, era quem mandava e a única pessoa a quem todos os outros elementos, humanos e não humanos, obedeciam sem discussões nem remoque.

Formidável companhia era esta que, onde quer que assentava arraiais e exhibia o seu sensacional reportório, conseguia que os seus tambôres fizessem reunir no local dos espectáculos todos os povos de umas poucas de léguas em redor!

No seu giro, á volta da Europa, esta companhia não procurava apenas mostrar aos povos embasbacados os seus valores ultra-sensacionais; tinha antes outro objectivo mais importante, embora secreto e que dava maiores lucros: raptar crianças bonitas que depois mandava para a A'sia.

Vendo o Bébé mais crescido, tão lindo e tão inteligente, logo a *Toutinegra* o afagou com os seus feitiços carinhos e com as suas misteriosas canções dolentes Bébé simpatizou com ela e nunca mais largou o arraial dos saltimbancos.

Até que um dia, inesperadamente, a companhia des-



pareceu, levando consigo o Bébé enlevado nas canções e nas histórias orientais da *Toutinegra*.

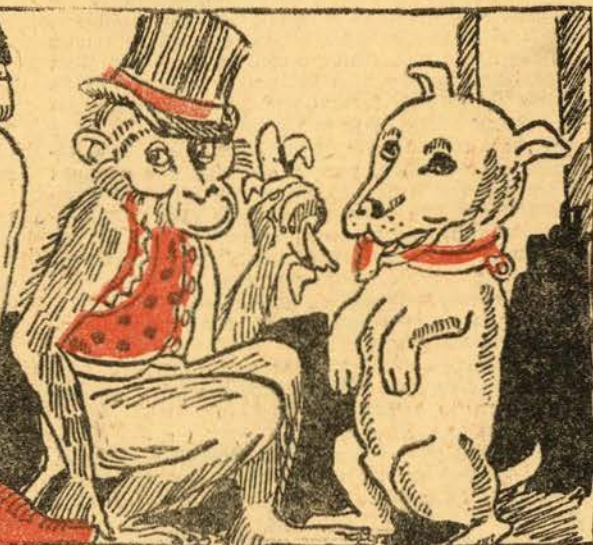
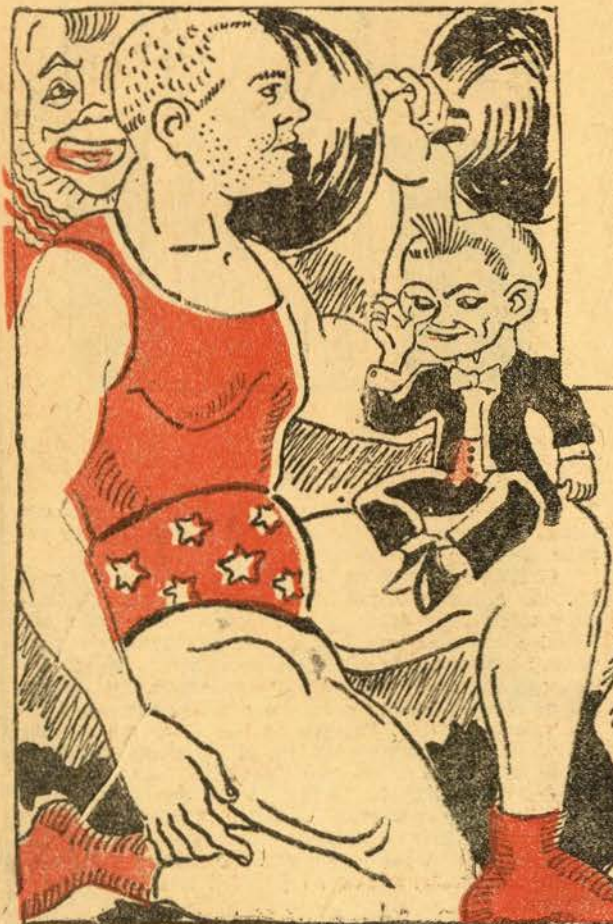
Pode-se calcular o alarme que este triste e inesperado acontecimento provocou no Castelo e arredores! A família chorou desesperadamente, os criados lançaram-se todos em perseguição dos saltimbancos, correndo em várias direcções e levando armas prontas a vingar o audacioso rapto.

Mas de nada serviram essas diligências; nada a família conseguiu averiguar acerca do caminho e do paradeiro de tão odiosa companhia.

Fazia um tempo invernos. A chuva tinha enchido os ribeiros, tornando-os rios caudalosos. Os caminhos estavam submersos e obstruídos por árvores seculares que o vento—um vento forte de furacão—havia arrancado e espalhado por todos os lados.

Era, portanto, difícil viajar, mormente em carros enormes e pesados como os da companhia. Mas o que é certo é que os cavalos do Castelo,—finos cavalos de raça,—não os conseguiram alcançar. E' que o *Trinca gente* desobstruia, rapidamente e sem nenhum custo, o caminho.

Encontravam uma árvore atravessada na estrada? Não tinha importância. O *Trinca gente* dava-lhe um sóco e ela ia logo pelos ares. Deparavam com uma torrente? Nem um só minuto se parava. O *Trinca-gente* pagava nos carros às costas e punha-os no outro lado.





Foi por causa deste maldito Hércules que Bébé não pode ser encontrado.

Haviam já passado duas semanas quando os pesquisadores voltaram do Castelo, comunicando a triste notícia de que todos os seus esforços tinham sido baldados.

Vestiram-se todos de luto como se Bébé tivesse morrido. Nunca mais no Castelo houve alegria, nunca mais os outros bebês brincaram na cerca, nunca mais houve childeada nos arruamentos floridos.

Tudo emudeceu, dando á vida um silêncio sepulcral e ás coisas um aspecto triste.

Ele, que era a maior esperança de toda a familia, o maior enlevo dos pais, o mais soberbo representante da velha familia de cavaleiros e heróis, por onde andaria?

Mistério cruel!

E que teria sido feito do velho criado que, ao saber do seu desaparecimento, se havia também lançado na louca corrida das pesquisas e que nunca mais ninguém vira?

O tempo foi passando; decorreram os meses. Veio a primavera e os lírios e os passarinhos estranharam aquele silêncio, aquela tristeza. Veio o verão, e os pombos loiros e vermelhos, enchendo a atmosfera de perfumes e tentações, estranharam aquele silêncio, aquela tristeza...

Voltou o inverno. Foram mais negros os horizontes,

mais frios e pardacentos os dias, mais desoladora a tristeza das árvores mas mais desoladora a nudez das avesinhas.

Chegou a noite de Natal. No portão do Castelo um velho mendigo pediu abrigo, que a noite era fria e a neve lhe entorpecia os músculos não lhe permitindo a caminhada.

O portão abriu-se e, a um canto do estábulo, o velho fez uma cama onde passou a noite depois de aquecido pela ceia fumegante e frugal que os lacaios lhe haviam dado.

Os fidalgos, ao contrário do que sempre sucedera, em noites de Natal, choravam a sua dor imensa pelo desaparecimento de Bébé.

Mas houve uma coisa que os dois bebês, mais novos, não se esqueceram de fazer: foi, colocarem os sapatinhos no canto da chaminé, pondo, também, os do mano perdido, anciosos porque o Menino Jesus a todos desse, no dia seguinte, brinquedos e consolações.

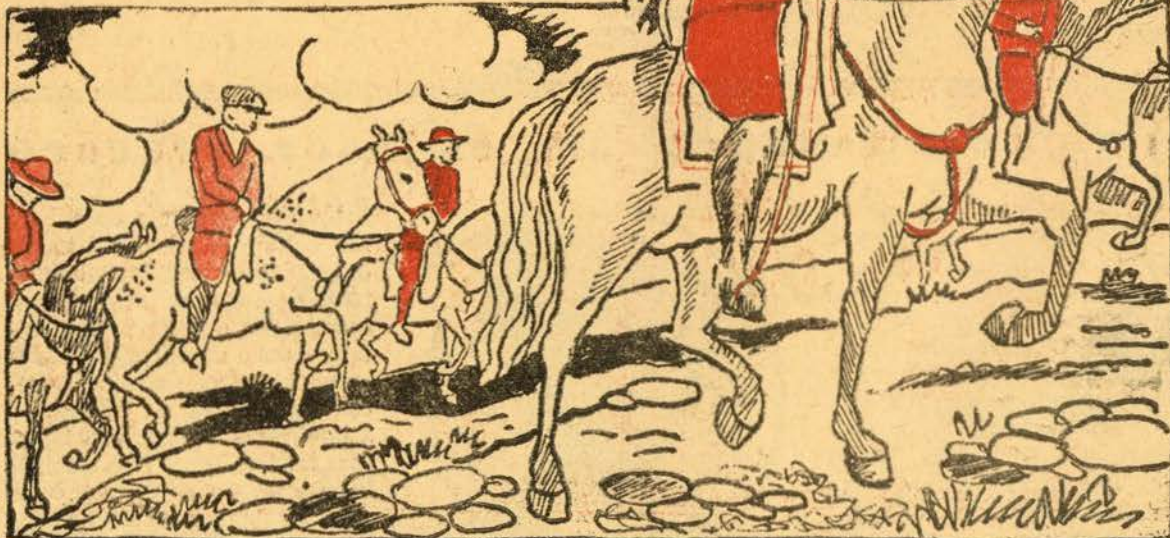
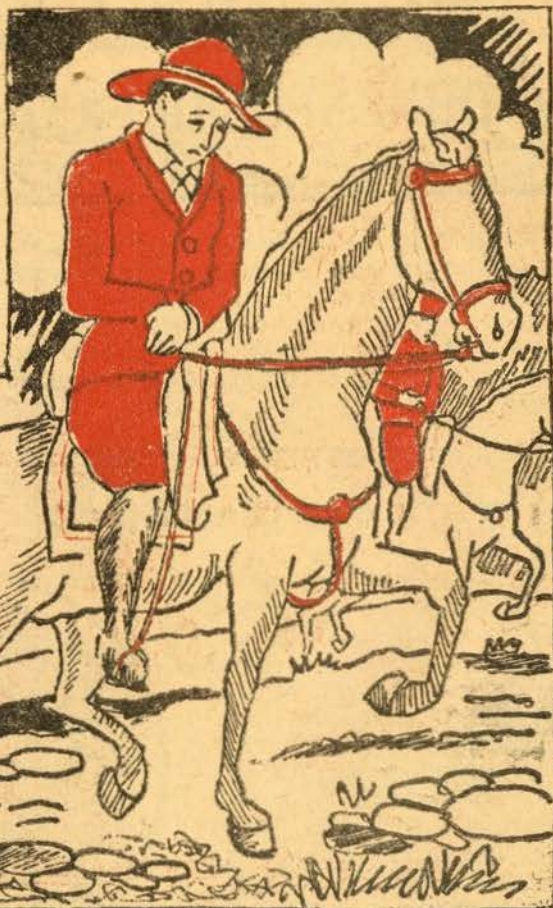
Ao raiar a aurora do dia seguinte, do dia de Natal, o Castelo alvoroçou-se.

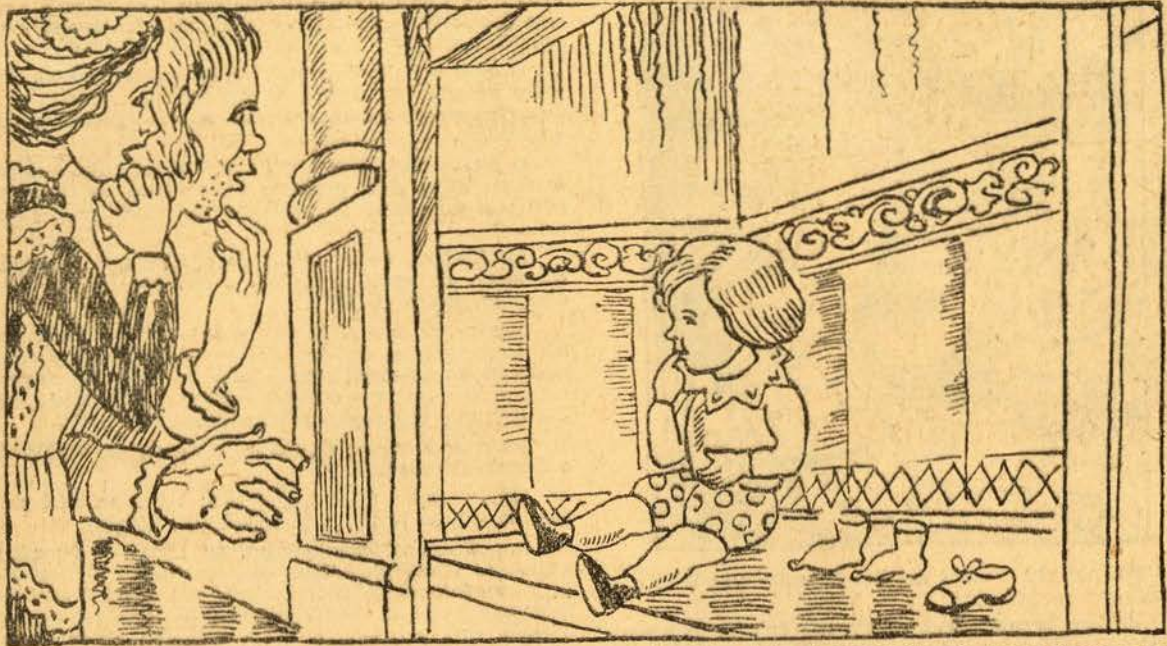
Houve grande alarido, primeiro; correrias, exclamações de alegria, lágrimas de consolação, depois.

Que sucedera? Um milagre. Ao canto da chaminé aparecera sentado, ao lado dos sapatinhos, o Bébé, o perdido Bébé, aquele Bébé que, encantado pelas canções dolentes e lindas da *Toutinegra* e fascinado pelo seu olhar e pelas suas carícias, se havia deixado raptar numa manhã tempestuosa.

Tocou alegremente o sino da torre; o Castelo encheu-se de galas, fumegaram todos os fogões, abriram-se os tuneis.

As trombetas de caça fizeram grande alarido cha-





mando os povos circunvizinhos, e a alegria do aparecimento de Bêbé foi por todos sentida e festejada.

Houve festas, banquetes, ballados, enfim, tudo quanto podia dar prazer e alegria.

O velho mendigo, que era o velho criado do Castelo,

que também tinha desaparecido, foi quem fizera o milagre.

Por isso é que ainda hoje, naqueles sítios, há a convicção de que ele era realmente o Natal, disfarçado em criado, e se tem por ele a mesma adoração que pelo Menino Jesus.

F I M

CORRESPONDENCIA

Maria Branco — Recebemos a linda peçazinha que brevemente será publicada e pela qual lhe ficamos muito gratos.

Dynette — Recebemos o novo conto: «O Orgulho», cuja publicação iniciaremos, também, brevemente. O sr. Santa-Rita agradece a amável carta de V. Ex.*

Arcindo Madeira — Acusamos a recepção da nova série de desenhos que iremos publicando em sucessivos números.

Carlos Alberto — Barreiro — Manda outro desenho que seja feito a tinta da china.

Mariazinha — Coimbra — Agradecemos muito os teus elogios e podes ficar descansada. Os teus desejos serão atendidos.

Lembranças a todos do

Tio Paulo

A rádio-difusão e um emissor precoce

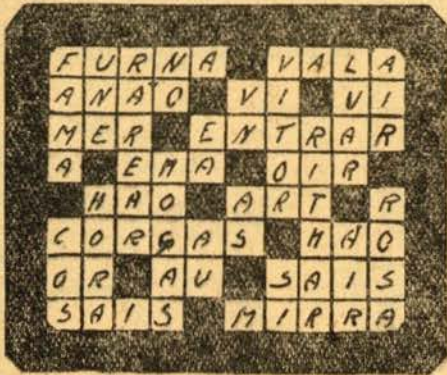
O «Pim-Pam-Pum» tem o prazer de apresentar hoje aos seus pequeninos leitores o menino Carlos Eugénio Soares de Oliveira Chaby, que, contando apenas quatro anos de idade, transmitiu ao microfone do posto emissor da C. T. 1 D. H., na passada quinta-feira, uma poesia intitulada «O Galo», cuja recitação fez as delícias dos pequeninos radiófilos portugueses e, possivelmente, estrangeiros



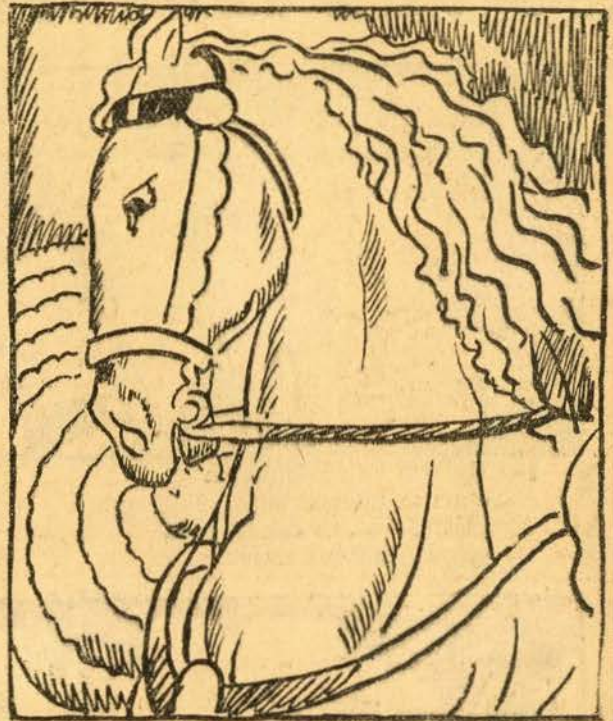
Na Hora presente de expansão cultural e em que a rádio-difusão tanto está contribuindo para desenvolver as aptidões artísticas e o gosto pela literatura, numa nobre missão educativa, tal facto merece especial registo, e, daqui, felicitamos a inteligente criança, bem como seus ilustres Pais e Avô, o actual Presidente do Ministério, cujas altas faculdades mentais se reflectem, também, no interessante netinho.

HORA DE RECREIO

A DIVINHA



SOLUÇÃO do enigma

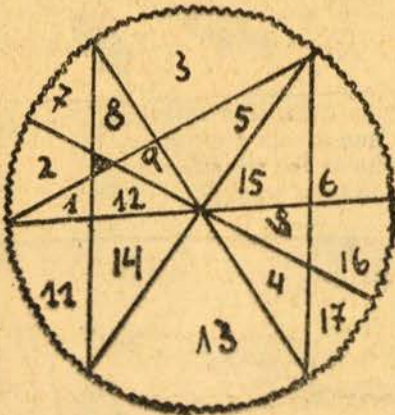


Num verão os descendentes dum só mosca atingem o número de dois milhões, oitenta mil, trezentas e vinte.

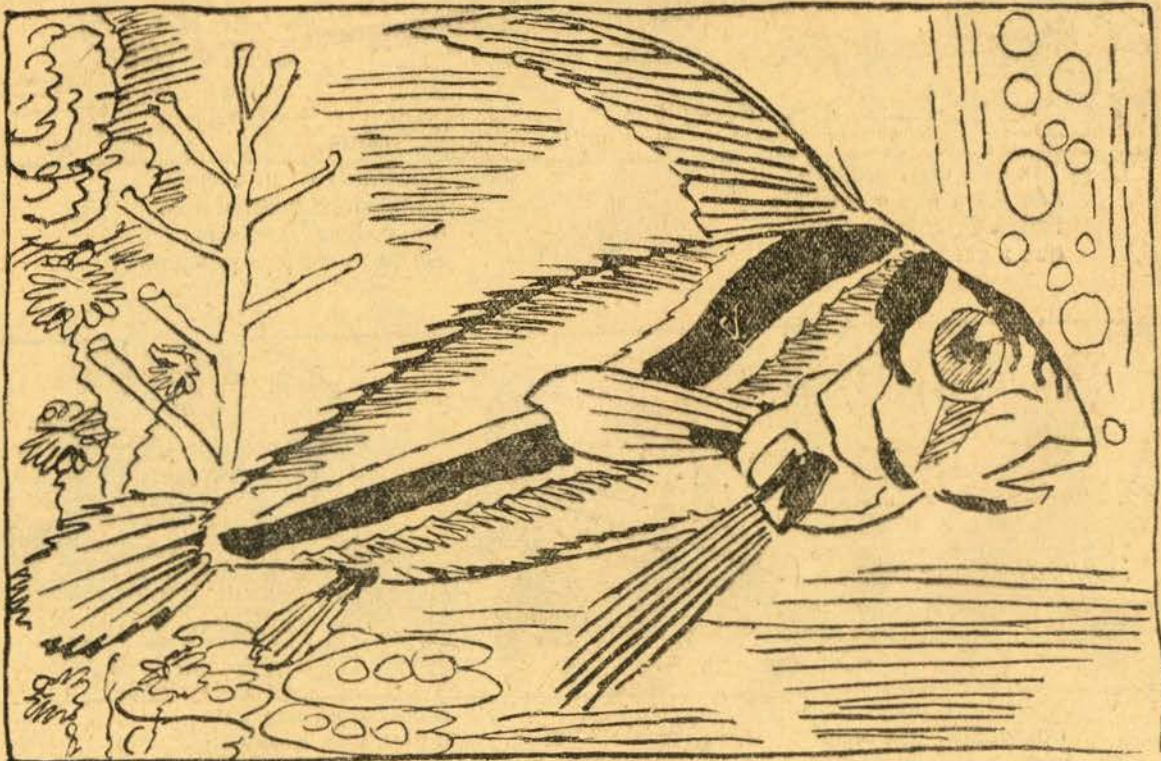
PROBLEMAS

ANTERIORES

Este cavalo é dum cossaco. Vejam se descobrem onde o cossaco se encontra.



PARA OS MENINOS COLORIREM



O cavaleiro de Talabarte — (Eques lanceolatus)

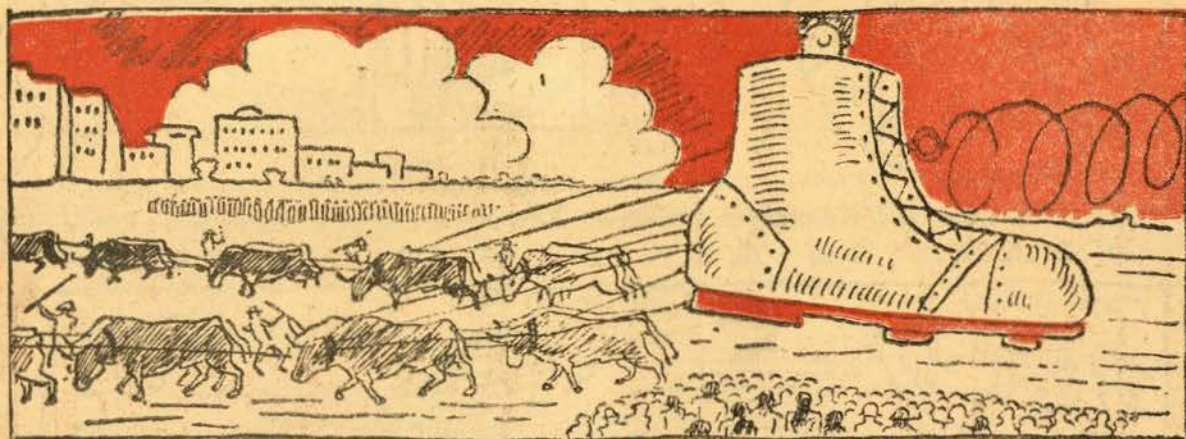
O "FOOT-BALL" E O PROGRESSO

OU UMA INVENÇÃO DE CHIQUINHO



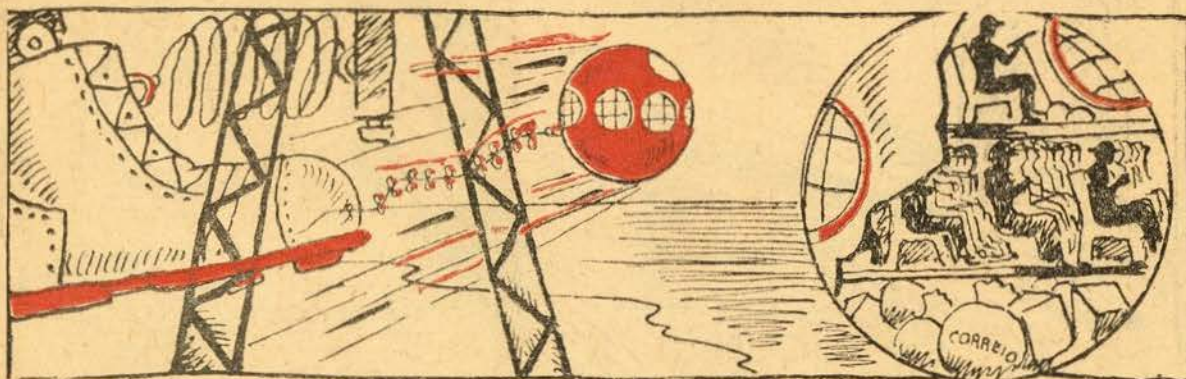
I — O Chico Pais Bandeirola é um az futebolista, pois não há, ao dar na bola, guarda-réde que resista.

II — Vai-se ao chão, logo entontece, assim que a bola é mandada, tal como se lhe tivesse acertado uma granada.



III — Ora este caso, tão fútil deu aso a que o diabrete fizesse invento mais útil, que a própria bala-foguete.

JV — Mandou fazer uma mola de tamanho desconforme e uma bota, cuja sola, em ferro e aço, era enorme!



V — Quinhentas juntas de bois distendiam essa mola que, logo solta, depois, impelia enorme bola...

VI — Bola-vagão, uma bola repleta de tripulantes, que antes do êxito, pouco antes, achavam a invenção tola!!!